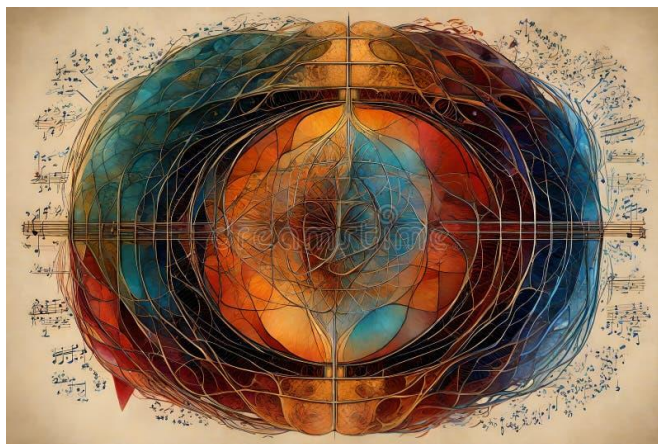


O ECO DE UMA LÁGRIMA

Psicanalista Renata de Masi



É amplamente reconhecida a importância do ato de chorar, mas é crucial refletir sobre o impacto e sobre o “barulho” que essa lágrima provoca no indivíduo, nas pessoas ao seu redor e em quantas gerações o “eco” desse choro ainda será ouvido.

Há inúmeros momentos históricos que continuam a ressoar, tornando-se um tema vasto que poderia facilmente se transformar em uma tese de doutorado se fosse explorado a fundo. Apenas ao abordar a escravidão e a ditadura, já seria suficiente para que novas lágrimas fossem derramadas ao lermos tal dissertação.

Esse “eco” pode ser tão intenso a ponto de uma família inteira não se permitir rir ou comer com prazer enquanto um dos seus membros chora, após ter perdido tudo em um desastre “natural”. Existem também “ecos” que apenas nós mesmos escutamos e, talvez, não saibamos de quais lágrimas estamos falando, nem o quanto esse som pode interferir na percepção das belas “melodias” que a vida toca ao nosso redor. Muitas vezes esses ecos são ondas sonoras que ressoam por estar em um espaço vazio de nomeações.

Aqui, evidencia-se a necessidade de as pessoas se dedicarem a suas análises para ressignificar essas lágrimas, elaborar essas ressonâncias e cuidar de uma possível surdez analítica, seja para extinguir o barulho ou transformá-lo em mais uma “música”. A escolha de repetir ou reparar tais “sons” é decisiva para determinar como “orquestramos” a vida.

Por exemplo, uma criança que sofreu *bullying* escolar ou familiar pode passar a vida inteira inibida, reproduzir o comportamento com seus filhos ou se tornar uma educadora exemplar. Ou, ainda, uma criança que teve uma mãe ou um pai agressores pode repetir a violência com seus filhos, chamando isso de educação e justificando com a frase “virem gente”, ou pode se tornar uma psicanalista, curando as feridas da alma de outras pessoas.

Pais que enganaram, traíram, mentiram e abandonaram podem, com seus “ruídos”, ensinar apenas a construção de vínculos frágeis ou sequer conquistá-los, perpetuando esses ecos. Alternativamente, podem, com resiliência, valorizar e cuidar de seus vínculos com muito zelo.

É igualmente importante reconhecer as conquistas que realizamos, muitas vezes sem perceber que nasceram do “eco” de uma lágrima, como a escolha profissional, a construção de uma família, o círculo de amigos, a forma como lidamos com o dinheiro ou até mesmo o que lemos. Ao interpretar essas experiências, podemos descobrir qual lágrima foi o gatilho para toda essa construção.

Seria proveitoso investir um pouco de energia e tempo para refletir e, quem sabe, iniciar questionamentos sobre a “partitura” que estamos compondo. Torna-se evidente que a saúde psíquica do indivíduo está intimamente ligada a essas capacidades de construção, assim como é claro que a quantidade de “ruídos” produzidos pelo ambiente e pela rede de apoio existente é colaborativa.

A intenção aqui é clarificar o atemporal do nosso mundo interno, validar a existência do nosso inconsciente e reforçar a importância do que faremos com o que fizeram de nós.